

ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: AS SENSIBILIDADES E MODOS DE DIZER OS ASPECTOS ECONÔMICOS NO RECIFE DE 1817

Aline Maria de Souza Florencio¹Daiana Gomes de Oliveira²

Kelly Karollyne Ferreira da Silva³Sarah Coimbra Costa⁴

¹ Estudante do curso de Pedagogia- *Universidade Federal de Pernambuco*-alinemariaflorencio@gmail.com

² Estudante do curso de Pedagogia- *Universidade Federal de Pernambuco*-- daiana_oliveiragomes@hotmail.com

³ Estudante do curso de Pedagogia- *Universidade Federal de Pernambuco*-- kelly-karoline19@hotmail.com

⁴ Estudante do curso de Pedagogia- *Universidade Federal de Pernambuco*-- sarahcoimbracosta@gmail.com

RESUMO

O artigo se propõe a apresentar o trabalho desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) subprojeto Pedagogia/História- Universidade Federal de Pernambuco, numa turma do 4º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Arraial Novo do Bom Jesus situada no Bairro do Cordeiro-Recife, durante o ano letivo de 2016. O trabalho teve como tema geral Recife é coisa de Cinema- usos, costumes e sensibilidades, com a proposta de ver a cidade do Recife a partir da preocupação com as sensibilidades e as histórias de vida das pessoas. Neste sentido, optamos em fazer um recorte e focar na questão: Entre mudanças e permanências: as sensibilidades e modos de dizer os aspectos econômicos no Recife de 1817. Utilizamos as contribuições teóricas de autores como Carvalho (1998), Pesavento (2003); Silva (2005); Skliar (2014). Ao longo das atividades vivenciadas juntamente com os estudantes pudemos observar o deslocamento do olhar dos mesmos ao analisar a temática com aparatos nos dias atuais, bem como, permanências e mudanças na história e na vida das pessoas.

Palavras-chave: PIBID, Aspectos econômicos, Sensibilidades, Recife.

INTRODUÇÃO

Neste artigo será apresentado o relato de uma experiência teórico/prática desenvolvida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), na Escola Municipal Arraial Novo do Bom Jesus, com uma turma do 4º ano do ensino fundamental, durante o ano letivo de 2016, com a supervisão da Professora da Rede Municipal Maria da Graça Gomes, e orientação da professora doutora do Centro de Educação – UFPE, Maria Thereza Didier de Moraes.

Para tal, buscamos aqui explorar os aspectos econômicos do Recife de 1817 e suas possíveis relações com os modos de vida das pessoas, nos distanciando do modelo de história reduzida a descrição de grandes acontecimentos heroicos. Portanto, tais discussões serão desenhadas a partir de uma abordagem que contempla várias práticas culturais e sensibilidades.

As narrativas, percepções e sentidos relacionados ao cotidiano das pessoas comuns se apresentam como uma possibilidade de pensar sobre as histórias da cidade. É importante esclarecer que tal temática apoia-se nas contribuições teóricas de autores como Carvalho (1998), Pesavento (2003); Silva (2005); Skliar (2014). Os autores nos ajudaram a pensar a respeito da temática

proposta subsidiando a construção do planejamento didático com enfoque nos usos, costumes e sensibilidades das pessoas em 1817. O planejamento didático teve como objetivo conhecer aspectos econômicos e sua relação com a vida das pessoas na cidade do Recife em 1817.

Além da introdução e considerações finais, este artigo está estruturado em duas seções: Inicialmente apresentamos as discussões teóricas acerca dos aspectos econômicos do Recife de 1817 e as sensibilidades e, posteriormente, relatamos as intervenções realizadas na escola campo.

AS SENSIBILIDADES E MODOS DE DIZER OS ASPECTOS ECONÔMICOS NO RECIFE DE 1817

A proposta de explorar os aspectos econômicos do Recife de 1817 e suas possíveis relações com os modos de vida das pessoas vem sendo desenhada a partir de uma abordagem que contempla várias práticas culturais e sensibilidades. Com base nessa questão, Pesavento (2003) destaca que através da história cultural foi suscitada uma preocupação com as sensibilidades e as histórias de vida, as questões do indivíduo, o modelo de história reduzida a descrição de grandes acontecimentos heroicos começava a perder espaço, foi introduzido no cenário historiográfico as narrativas relacionadas ao cotidiano das pessoas comuns, podendo ser envolvidos nas produções os sentimentos, emoções, percepções e sentidos. Neste sentido as sensibilidades

se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. [...] as sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e um conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real. (PESAVENTO 2003, P. 33).

De acordo com a autora as sensibilidades assumem diferentes feições conforme as época e sociedades, o entendimento do que é sensibilidade se modifica a partir das representações coletivas e imaginário daquele contexto. Neste sentido, pensando a história da cidade a partir do cotidiano das pessoas comuns, colocando as sensibilidades como eixo fundamental, é necessário destacar alguns elementos que contextualizam o ano estudado, sobretudo no que se refere a chamada Revolução de 1817.

O que nomeamos de Revolução de 1817 foi um movimento que ocorreu na capitania de Pernambuco tendo uma série de fatores como motivo, dentro deles a necessidade de se libertar da

coroa portuguesa e se tornar República. É necessário destacar também o patriotismo excessivo que acentua/coloca em evidência um grande desejo de separação de Portugal, quando as pressões maiores na época eram, o escravismo e o constitucionalismo liberal.

A influência das ideias que circulavam nos países como Estados Unidos e França acabaram despertando em Pernambuco o desejo de ter um comércio de certa maneira livre do monopólio português. Carvalho (1998) aborda as contradições e o jogo de poder e interesse que atravessa os âmbitos sociais, políticos e econômicos deste momento histórico.

Silva (2003) comenta que as relações econômicas em Pernambuco de 1817 eram dominadas pela coroa portuguesa, e todo o tributo arrecadado servia para manter as despesas da corte que estava instalada no Rio de Janeiro, e o governo revolucionário de 1817 objetivava não apenas reduzir os impostos, mas também e impulsionar crescimento econômico local. Os altos tributos e maneira que eram distribuídos foram um dos fortes motivos que acarretaram no que nomeamos de Revolução Pernambucana de 1817.

Outro ponto a ser destacado é a seca que ocorreu naquele período e arrasou as exportações de cana de açúcar e algodão, principal fonte de economia do estado, sendo assim foi necessário o aumento dos impostos causando mais insatisfação na população, porém o setor econômico não entrou em crise com a grande seca. Nesta perspectiva, desenvolvemos um estudo com atividades que possibilitassem a reflexão sobre o modo de vida das pessoas, como elas se relacionavam no ano de 1817 e as interferências dos aspectos econômicos nesta realidade.

INTERVENÇÕES E METODOLOGIA

As intervenções ocorreram na Escola Municipal Arraial Novo Bom Jesus em uma turma do 4º ano do ensino fundamental, tendo como professora orientadora Maria Thereza Didier e como professora supervisora Maria da Graça Gomes. Durante o ano letivo de 2016 elegemos o tema “Recife é coisa de cinema: usos, costumes e sensibilidades” para o desenvolvimento de nossas atividades. Dentro desse tema geral trabalhamos vários subtemas envolvendo as relações estabelecidas no Recife durante 1817, relações religiosas, espaciais, comunicação, seus usos e costumes, dentre eles, as relações econômicas, a qual iremos aqui focar. Antes de começar as regências na escola, tivemos momentos de planejamento, de pesquisa e de estudo, que permitiram o bom andamento das atividades na escola.



Planejamos aulas em que os alunos pudessem conhecer as relações econômicas estabelecidas em Recife em 1817. Dentro dessas relações econômicas pudessem conhecer as principais fontes de renda do Recife em 1817; como eram o processo de fabricação e exportação, as relações de poder e as relações estabelecidas entre as pessoas neste contexto. Pudemos conhecer as relações estabelecidas no porto, os tributos e impostos cobrados nesta época, analisando os aspectos que interferem no que costumamos nomear de Revolução Pernambucana em 1817.

Nossa primeira vivência com a relação 1817 dias atuais se deu com a aula denominada, *“Percepções e sentidos em construção: Aspectos Econômicos do Recife em 1817.”* Esta aula tinha por objetivo, conhecer as principais fontes de renda em Pernambuco no ano de 1817, explorar diferentes percepções através dos sons e materiais de superfícies diversas, conhecer a produção de açúcar e algodão do Recife em 1817 e anos atuais, relacionar alguns aspectos econômicos do Recife de 1817 e dias atuais, conhecer a obra “Crianças de açúcar” do artista Vik Muniz e as possíveis relações com o conteúdo abordado.

A aula foi dividida em dois dias devido ao tempo dos alunos e objetivos a serem alcançados, no primeiro dia começamos a aula fazendo um resgate do que estávamos estudando, bem como as expectativas para as novas aulas, posteriormente e com ajuda de um aluno passávamos de mesa em mesa com a caixa da sensibilidade, (uma caixa de sapato com espaços para colocar as mãos; dentro da caixa possuíam alguns materiais como: algodão, açúcar, creme hidratante e milho) todos participaram incluindo a professora Graça Gomes. Após o sentido os discentes comentaram a sensação de tocar nos elementos e puderam falar o que havia dentro do caixa. Fizemos no quadro o levantamento das respostas e então a pergunta: quais desses elementos, materiais vocês acham que era a fonte da principal renda, e que movimentava a economia de Pernambuco em 1817? Os alunos acertaram açúcar e algodão, pois muitos lembraram-se do jogo que deu início ao semestre e que elucidava as temáticas. Posteriormente distribuímos um texto (criado por nós Pibidianas) a respeito da utilização das matérias primas: cana de açúcar e algodão, e sua importância para economia e as pessoas em 1817; distribuímos este texto fragmentado, onde cada conjunto de quatro alunos ficou com uma parte. Todas as equipes liam a sua parte e todos indicavam qual trecho correspondia ao início do texto e quais eram os consecutivos. A ideia era que eles compreendessem o texto de tal forma que pudessem organizá-lo, o que ocorreu, requerendo bastante tempo, mas ao final alcançando o objetivo, onde todas as professoras também ajudaram.



Posteriormente as crianças pegavam um papel dentro do “baú das curiosidades” onde havia várias curiosidades a respeito do açúcar e algodão tanto antigamente como na atualidade, passando por curiosidade que envolve os costumes e utilização. Após a leitura e explicação de algumas curiosidades, foi criado um ambiente para que os alunos ficassem a vontade, desligamos as luzes, ventiladores para não atrapalhar e pedimos que todos fechassem os olhos e ficassem confortáveis em suas bancas, em seguida colocamos alguns sons referentes ao modo de utilização das matérias primas (o algodão e cana de açúcar) exemplo: som do moedor da cana, estalo de pacote de algodão, sino de fábrica, máquina de costura, tecido se rasgando, barulho de água de chá e brinde de copos. Ao final os alunos fizeram uma lista individualmente do que haviam escutado, e então foram colocados todas no quadro, e juntos iríamos eliminando o que achávamos que era menos provável. Para finalizar a aula perguntamos quais as relações dos materiais com os sons, alguns conseguiram fazer a relação, outras relações como: máquina de costura (porque com algodão também se faz roupas) copos brindando (através da cana de açúcar, pode ser feito a cachaça) sirene (das fábricas, onde as pessoas trabalham atualmente com esses materiais) foi necessária a explicação, e as crianças gostaram bastante das descobertas e brincadeiras com suas sensibilidades.

Na segunda aula, demos continuidade ao tema resgatando um pouco do que havíamos feito e começamos a nova aula na sala de vídeo, onde os discentes acompanharam um trecho de um vídeo que apresentava a colheita de algodão antigamente e atualmente (manualmente e através da colheitadeira - máquina) retratando que a forma manual ainda existe e fazendo um resgate de um trecho do filme ao qual eles haviam assistido: O menino e o mundo. Que retratava esse tipo de trabalho. Como segundo momento, passamos um pedaço de um pé de algodão, para que as crianças pudessem conhecer. O que foi muito bacana, pois a maioria desconhecia.

Em seguida apresentamos às crianças a série: Crianças de açúcar. Que são quadros feitos com açúcar retratando crianças filhas de trabalhadores de plantações de cana de açúcar no Caribe, realizados pelo artista Vik Muniz. Posteriormente apresentamos o autor, o que ele era, quem fazia etc. e a partir da série e antes da sua explicação, indagamos aos alunos: Qual material é utilizado para fazer esses quadros? O que a imagem representa? A partir disso explicamos o que a série abordava e também abordando a realidade dos trabalhadores da cana de açúcar hoje em Pernambuco. Em seguida, distribuimos papel preto e açúcar, para que os alunos pudessem criar um auto retrato com a mesma técnica do artista plástico, explicamos o que era um auto retrato, e a criatividade tomou conta até o fim da aula. Foram retiradas fotos dos trabalhos dos alunos, que foram entregues a cada um no final deste semestre como culminância do ano.

A aula seguinte foi intitulada “*O porto do Recife e os impostos em 1817*”, com o objetivo de conhecer algumas relações estabelecidas no porto da cidade do Recife em 1817, os tributos e impostos cobrados no Recife em 1817 e nos dias atuais. Iniciamos a aula fixando na parede várias imagens de lugares e transportes que são utilizados para exportação e tráfego de produtos nos dias atuais. As crianças tiveram um tempo para observar as imagens, em seguida, fizemos algumas indagações acerca dos lugares e transportes presentes nas imagens, e ações são executadas nas imagens. Os alunos foram fazendo suas colocações, destacando que os transportes presentes nas imagens, como: avião, navio, caminhões e entre outros são utilizados para “levar coisas, objetos para os lugares”. A partir das colocações dos discentes, falamos como são realizadas as exportações e importações de produtos no Recife nos dias atuais e como esses produtos chegam as nossas casas.

No segundo momento, retomamos aspectos da aula anterior sobre o açúcar e algodão. A partir das lembranças e colocações dos alunos, perguntamos como esses produtos eram transportados em 1817, qual local era feita a comercialização. Alguns alunos faziam suposições sobre o transporte sem pensar na relação de tempo. Quando isso acontecia, destacávamos que estávamos falando de quase 200 anos atrás. A partir de nossas interferências, os alunos faziam suas colocações. Apresentamos imagens e falamos sobre o porto do Recife, produtos transportados e sua importância para a cidade em 1817 e nos dias atuais. Em seguida, apresentamos algumas contas de luz e água, ticket de cinema, cupom fiscal de supermercado e de lojas, apresentado como são cobrados os tributos nos dias atuais, relacionando como esses tributos eram cobrados em 1817, abordando-o como um dos motivos que resultaram na chamada Revolução Pernambucana de 1817.

Em outro momento, assistimos um vídeo que contava um pouco da história do Porto do Recife, suas movimentações econômicas, sua importância para economia e desenvolvimento de Pernambuco. Abordamos aspectos apresentados no vídeo e solicitamos que as crianças escrevessem um texto destacando quais os setores que deveriam ser destinados os impostos e como estaria a cidade do Recife se os tributos pagos pela população do Recife fossem investidos adequadamente.

Por último, dividimos as crianças em quatro grupos e distribuímos alguns textos falando sobre a Revolução de 1817 e solicitamos que criassem cenas a partir do texto. Gravamos as cenas realizadas e exibimos na sala de vídeo para os alunos.

Nesta perspectiva consideramos que as aulas planejadas, lecionadas e relatadas possibilitaram as crianças reconstruam seus conhecimento e concepções acerca do Recife. Analisando aspectos que contribuíram para configuração da cidade nos dias atuais. Ensinamos, mas

também aprendemos com as crianças a partir de suas colocações e conhecimentos sobre os temas propostos.

Ensinar como dádiva, não como mesquinhez dividida: dar o que nos vem, o que não é nosso, o que ainda não nasce nem morre, dar a voz que já se tinha no instante que não se sabia. Ensinar como partir, não como chegada ao porto. (SKLIAR,2014 p.234).

Desse modo, compreendemos e buscamos o ato de ensinar como elucida Skliar, possibilitando aos alunos o conhecimento que não apenas nosso, mas que foi adquirido durante os ensinamentos, compartilhado de saberes, para construção e reconfiguração de novos conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com desenvolvimento deste trabalho foi possível constatar a importância do PIBID no processo de formação docente e a necessidade que há em abordar o ensino de história nos anos iniciais a partir de questões relacionadas ao cotidiano das pessoas comuns a partir de uma abordagem que contempla várias práticas culturais e sensibilidades, atentando para as diversas possibilidades de pensar sobre as histórias da cidade.

Destacamos que utilizamos diversos materiais como: caixa de sensações, vídeos, músicas, textos, jogo, imagens como procedimentos metodológicos para alcançar nossos objetivos e deslocar o olhar dos estudantes para novos aspectos da história do Recife. Ao longo das atividades vivenciadas juntamente com os estudantes pudemos observar o deslocamento do olhar dos mesmos ao analisar a temática com aparatos nos dias atuais, bem como, permanências e mudanças na história e na vida das pessoas.

Não podemos deixar de ressaltar também que este trabalho para além do que as crianças aprenderam, elas também puderam nos ensinar a cada momento sobre a realidade da docência, a planejarmos e replanejar, adequando nossas propostas a um melhor entendimento, algo que só o chão da escola e a troca podem ensinar.

Referências

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Cavalcantis e cavalgados: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817-1824**. Rev. bras. Hist. [online]. 1998, vol.18, n.36, pp.331-366.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte- Autêntica, 2003, p. 20-37.

SILVA, Luiz Geraldo. "**Pernambucanos, sois portugueses!**" **Natureza e modelos políticos das revoluções de 1817 e 1824.** Almanack Braziliense. São Paulo: Projeto Temático Formação do Estado e da Nação Brasileiros, v. 1, 2005, p. 67-79.

SKLIAR, Carlos. Intuições do poético. Uma poética para a educação. **Revista SulAmericana de Filosofia e Educação.** Número 23: nov/2014-abr/2015, p. 224-238.